

Jornada Associação Lacaniana de Brasília – ALB

Outubro 2015

Apresentação de Cartel

Cartel do Gozo, Culpa e Supereu

Lucélia B. L. Sônego

Patogenia da Lei

Boa noite,

Primeiramente gostaria de agradecer a oportunidade deste debate. É um tema que gosto e me dedico bastante. Nossa apresentação é efeito do trabalho de um cartel, chamado “Cartel do Gozo, Culpa e Supereu”, que está em funcionamento desde fevereiro deste ano, e é composto por mim, Angela, Luíza e Lívia. Especialmente, gostaria de agradecer às três por toparem essa aventura comigo. O cartel surgiu a partir de uma proposta minha feita à Associação para estudar a questão do Gozo. Escolhi como texto principal o livro da Marta Gerez-Ambertíni: “As Vozes do Supereu na Clínica Psicanalítica e no mal-estar na cultura”. O título do meu trabalho é “A Patogenia da Lei”.

Esse estudo me capturou, especialmente, por duas razões: primeiro por seu caráter clínico, por tratar da incidência do imperativo de gozo e seus efeitos destrutivos no ser falante; segundo pela possibilidade de estudar mais a fundo o registro do Real.

Nesse ponto, minha questão: “Como um analista pode adentra-se ao lugar de escuta da gramática do fantasma sem se deparar e se deter com a teorização da pulsão, do gozo, da compulsão à repetição e da culpa?”. Esses aspectos são rechaçados por muitos e tomados como mistérios indecifráveis, herméticos. No meu caso, não pude evitar minha inquietação e na busca de responder tal pergunta deparei-me com uma instância nomeada Supereu.

O primeiro ponto para pensarmos e teorizarmos sobre o Supereu é afastar qualquer leitura normatizante ou benevolente e suportar o aspecto paradoxal tanto durante a leitura de Freud, como na de Lacan.

Marta nos lembra: “Tal instância polêmica não é individual, nem social, não é interior, nem exterior, não é somente identificação ao Pai, tampouco simples herdeiro do Complexo de Édipo. Nem materno, nem paterno, nem feminino, nem masculino, nem precoce, nem maduro”. É lugar de estrutura.

Entre o eco e o Nome do pai abrem os caminhos para os destinos ligados ao Supereu: apostar no pior do pai (sítio do Supereu) ou no mais além do pai (ruptura do sítio). Assim é necessário na clínica negociar com essa instância brutal. Seguimos a premissa lacaniana: “somente o amor permite ao gozo condescender ao desejo”, para questionar as alegações do Supereu no amor idealizado, no desamor canalha e no amor herege ao pai. “Ali onde o Supereu estava, o desejo possa advir”. Porém nem sempre é possível.

Nos primeiros passos de Freud, em sua teoria e clínica, encontra-se a tríade “parricídio, culpa e punição”. Freud dividiu tal punição em três hipóteses: represália sacrificial na histeria, autopunição culposa na obsessão e delírio de perseguição na paranoia. Todos sintomas como modos de gozo que se unem nas auto recriminações, na culpa inconsciente, no auto sacrifício ao pai e na punição. Raízes da hipótese freudiana do Supereu.

A Clínica da neurose obsessiva obrigou Freud a indagar-se a respeito da recriminação e hiperculpabilidade. Ao ouvir os obsessivos, Freud encontra um campo que corta, cerceia a ordem do desejo inconsciente.

Tal campo compreende uma voz ordenatória que surge como uma irrupção punitiva que mutila os fios lógicos da cadeia associativa, barrando o trabalho metonímico e metafórico do desejo inconsciente. Em troca do avanço do desejo, tal monção estabelece uma série de mandatos incompreensíveis. É um império de ordens que leva o ser falante à compulsão. Obedecer à monção é algo que transcende o desejo impossível do obsessivo, obtura toda a lógica e anuncia a incidência ingovernável de uma instância oposta ao inconsciente.

As compulsões e proibições estão ligadas à culpa inconsciente, que tem como fonte processos anímicos precoces, sempre ligados ao nó edipiano do incesto e parricídio, mas que são renovados como tentação a cada vivência. O que leva a uma angústia de expectativa sempre à espreita, como uma expectativa de desgraça, que na verdade é uma espera de castigo enodado pela percepção interna da tentação.

O sistema proibitivo carrega um paradoxo inexorável: uma face é o que permite a circulação do ser falante no sistema, que é a face de ordem reguladora e pacificante; a outra é arbitrária e estabelece um imperativo que está para além do regulável, sendo *ad infinitum* e nada pacificador. Essa obrigação de pensar se remete a compulsão à repetição e é opositora ao automatismo de repetição

da cadeia significativa. O pensamento compulsivo está fora do simbólico, pertencendo ao estatuto do Real, dentro da via pulsional, enquanto o *automaton* tramita nas vias lógicas do inconsciente que trazem a preservação da significação e da substituição típicas do desejo.

Na veiculação entre gozo masoquista e fantasma do castigo temos a expressão da sedução e aniquilamento devido à culpa consequente. É a expressão do incesto e parricídio, que no mesmo ato se bifurca entre desejo (apelo ao Outro) e gozo (submissão masoquista que convoca ao castigo).

Gerez segue na análise da relação entre Supereu e o Pai. Relação que gerou sérios equívocos na clínica e teoria. Dessa forma, é importante compreender que a instância se trata do pai, mas não do pai é, não se trata do pai de carne e osso.

A partir da análise do texto de Freud “Bate-se em uma criança”, Gerez formula a ligação entre Édipo, fantasma e Supereu. Nesse texto, Freud ao analisar a fantasia de espancamento, descrita na clínica, chega ao caráter estrutural masoquista do Fantasma. No fantasma, o sujeito do inconsciente é enlaçado a um objeto que lhe estranho, mas que lhe provê um a-mais de gozo. O fantasma de espancamento pelo pai, como resíduo do Édipo, revela o enodamento paradoxal do inconsciente e da pulsão. É o caráter perverso de todo fantasma neurótico.

O caráter perverso do fantasma adverte sobre o efeito gozoso do Édipo, que está para além da montagem simbólica da lei. É um gozo que convoca ao real do pai, a seu sadismo e precipita o gozo masoquista. Na ponte entre pulsão e Édipo, temos a revelação dos resíduos reais do pai na cicatriz castração. Ser espancado pelo pai administra, em um só movimento fantasmático, o castigo pelo incesto e sua substituição, o gozo masoquista. Se a operação de castração traz o pai amado e idealizado, também reanima o pai rival, pai do incesto, pai perverso ao qual se faz objeto em um gozo do anônimo. E, por isso, trata-se do pai, mas não do pai encarnado, pois é ao resto real inassimilável que o fantasma masoquista se refere.

No texto “O Eu e o Isso”, Freud descreve Supereu como herdeiro do Isso e do Complexo de Édipo. Primeiro como herdeiro do Isso, está ligado ao pai primordial, terrível e demoníaco que se insere no movimento pulsional e instiga

ao gozo. Segundo como herdeiro do Complexo de Édipo, o Supereu responde à falha da lei. É a face obscura de toda lei.

Daí a relevância dada por Lacan de entendermos o Supereu a partir da inserção, da intromissão do significante na subjetividade.

Apesar da primazia do Real no Supereu, ele é defeito, resíduo, efeito da entrada do sujeito no simbólico. Ou seja, é justamente devido à implacável submissão de todo sujeito desamparado e dependente à lei simbólica, que ele se depara com a falha da lei, com sua faceta perversa. Em um mesmo movimento, o Nome do Pai outorga a lei, circunscreve o gozo e presentifica a tentação, impulsiona ao gozo. É graças ao simbólico que o real do gozo comparece como imperativo do Supereu. O imperativo do Supereu é falha insanável, falha estrutural da Lei.

Supereu como avesso da Metáfora Paterna, como corte real na cadeia simbólica, é resíduo da castração, que não faz metáfora. Seus mandamentos não têm duplo sentido, nem estão abertos ao equívoco. São da ordem da certeza, da injunção, do imperativo impossível. É a antinomia entre Desejo-Lei e Gozo.

A lei paterna regula a distância entre sujeito e *das Ding*. Se essa distância se apaga, emerge o Supereu, ordenando o impossível, ou seja, a insuportável aproximação com *das Ding*. É a gula da pulsão de morte, a compulsão à repetição, a *tiquê*.

Tanto em Freud, como em Lacan, o Supereu como correlato da castração estrutural não se encontra nem antes, nem depois do Édipo. Esse desarranjo estrutural remonta à entrada do Real via identificação primordial por incorporação. Na composição do Supereu incidem resíduos verbais, restos mnêmicos de palavras que pulsionam. Tocos de palavras que não entram na cadeia significante, que na verdade produzem seu rompimento quando comparecem no discurso, convocando ao gozo, ao *acting* e à passagem ao ato. O movimento da *tiquê* do gozo paralisa o movimento do *automaton* do desejo.

A intromissão do significante, que leva à divisão do sujeito, deixa o Supereu como selo, como marca. O Supereu, o gozo, seus imperativos são efeitos do golpe traumático da identificação primária como incorporação do órgão linguagem que molda a divisão do sujeito (GEREZ-AMBERTÍNI, 2009).

O sujeito, ainda desconhecido e mítico, constitui-se no campo do Outro. Ele é primeiro um “tu” antes do “Je”. Essa voz do “tu es” é toco de palavra incorporada, não assimilada, que está na raiz do Supereu. Supereu como voz, uma das formas do objeto a.

É uma voz que, como alheia, nasce de dentro e um olhar que, como estrangeiro, fulmina partir do interior. É a essa voz e a esse olhar a que se referem os fenômenos clínicos do delírio de observação, da recriminação histórica, da hiperculpabilidade na melancolia e na obsessão. Dessa forma, o Supereu como advogado do Isso, possui um poder ingovernável com capacidade de opor-se ao Eu e dominá-lo. O Supereu não participa do exame da realidade, mas sim das vicissitudes da pulsão.

Os significantes e a voz recebidos do campo do Outro são os suportes da armação simbólica. Esse “tu” que precipita sobre o sujeito torna-se extimidade, um externo que se faz íntimo. Coisa excluída no interior. Essa voz não assimilada, estranha ao inconsciente, opera como pura ordem, que aterroriza o sujeito, mas também serve de sustentação da relação entre desejo e angústia. Voz, marca da inconsistência do Outro. Supereu objeto resto da divisão do sujeito perante a inconsistência da Lei.

Poderíamos nos perguntar: qual a relevância de nos dedicarmos ao estudo da estrutura? Ou mesmo: se o Supereu não é uma particularidade de uma mente gravemente adoecida, e sim, parte imprescindível de qualquer estrutura psíquica, para que se adentrar a um campo tão árduo? Já que não podemos extirpar o Supereu?

São duas perguntas diferentes e que perpassam uma terceira pergunta: O que é a psicanálise? Para que serve? Começarei com a terceira pergunta. Minha resposta remete ao início da minha formação. É uma resposta que obviamente diz respeito a mim.

Sempre fui alguém capturada pelas indagações do saber. E, por isso, as possibilidades de escolha de um objeto de estudo eram vastas para mim. Porém me sentia convocada ao campo do psiquismo e apesar de uma forte tentativa de rechaça-lo, fui sempre obrigada a retornar a tal campo. Acredito que o principal motivo disso foi meu grande sofrimento neurótico e as marcas que ele deixou em mim.

E foi esse sofrimento que sustentou meus estudos, minha entrada e permanência em análise e minha escuta analítica. E é por isso que entendo que é uma grande dor psíquica a razão de ser da psicanálise. Quando eu estava bem no início da graduação, tive um professor chamado Luiz Augusto Celes, que dizia sempre que a psicanálise é um nome de um trabalho, um trabalho feito no psiquismo. Acrescento, um trabalho feito com e no discurso.

Com isso, chego à minha primeira pergunta. Por que estudar estrutura? Minha resposta é porque o psiquismo é uma estrutura de discurso, inclusive, de discursos. É o ponto central da teoria lacaniana. Todo psiquismo é efeito da intromissão do significante no ser, que se chamará “ser falante”.

Todo estudo da pulsão de Freud tem como pano de fundo uma pergunta: “Qual é o motor do psiquismo?”. A primeira resposta de Freud foi o princípio do prazer, ou seja, a satisfação. Porém ao longo de sua clínica, após se deparar com a recusa de alguns analisandos de aceitarem suas melhoras (o que ele nomeou de Reação Terapêutica Negativa), ou com os sonhos de angústia, ou mesmo com a aparente fatalidade de destino na infelicidade de certos pacientes.

Tudo isso fez Freud reconhecer a força de um outro princípio, que ele nomeou como “além do princípio do prazer” ou pulsão de morte. Temos aí a destrutividade e compulsão à repetição. E o que faz repetir? É a própria montagem, a própria estrutura. É, por isso, que a psicanálise, necessariamente, terá que mexer na estrutura do sujeito, para que possa fazer qualquer diferença de fato, para operar uma real mudança.

O lugar da primazia da crueldade e da destruição no psiquismo é o Supereu. Assim chegamos à segunda e última pergunta: por que estudar o Supereu? Porque em toda análise singular é preciso encontrar o lugar que cabe ao Supereu na estruturação e em sua fantasmática, e a partir dos recursos dessa subjetividade negociar com essa instância feroz. Obrigada!

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- FREUD, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 2006a. p. 13-75.
- _____. (1930). O mal-estar na civilização. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago., 2006d. p. 67-153.
- _____. (1924). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago., 2006e. p. 175-188.
- _____. (1895). Projeto de uma psicologia. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol.3). Rio de Janeiro: Imago.2006f. p. 335- 454.
- GARCIA-ROZA, L.A. (1990). **O Mal Radical em Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1990.
- GEREZ-AMBERTÍN, M. (2009). **As vozes do supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- LACAN, J. (1953-1954). **O Seminário. Livro 1. Os escritos teóricos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.
- _____. (1960-61) **O Seminário, Livro 8: A Transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1992.
- _____. (1962-63) **O Seminário, Livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. (1964) **O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.